



## **OS DESAFIOS DOS CUIDADORES ESCOLARES NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Jéssica Carneiro Silva <sup>1</sup>  
Bruna Carvalho Araújo <sup>2</sup>  
Kalina de França Oliveira <sup>3</sup>

### **RESUMO**

A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no ensino regular de ensino é um dos grandes desafios da educação inclusiva. Por isso, faz-se cada vez mais necessário refletir acerca deste contexto, para que se encontre caminhos que viabilizem tal inclusão. Uma das principais estratégias tem sido a presença do cuidador escolar, no acompanhamento contínuo desses estudantes. Esse artigo tem como objetivo geral identificar os principais desafios encontrados pelos cuidadores de crianças com TEA em sua trajetória como profissional de apoio. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, na qual cuidadores escolares responderam individualmente a um questionário virtual e os dados foram analisados considerando a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016). Os resultados identificaram lacunas no processo de inclusão escolar desses estudantes, dentre elas a falta de capacitação e conhecimento dos cuidadores sobre o transtorno do espectro autista, surgindo assim dificuldades em desempenhar o papel de agente inclusivo no contexto institucional.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva, Transtorno do espectro autista, Cuidador escolar.

### **INTRODUÇÃO**

Compreende-se que a falta de conhecimento acentua ainda mais as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência, uma vez que, durante muito tempo, criou-se a falsa ideia de que pessoas que fugiam de um padrão típico estabelecido eram incapazes. Em meio aos avanços e retrocessos, a educação inclusiva ganha um personagem importante, o cuidador escolar.

A figura do cuidador escolar garante à pessoa com deficiência a oportunidade de estar ao lado de alguém que a auxilie durante a realização de todas as atividades escolares nas quais se fizer necessário esse auxílio, promovendo assim a equidade de oportunidades no ambiente escolar. No entanto, a qualificação desses profissionais que atuam nas escolas regulares de ensino ainda não segue uma diretriz nacional, ficando muitas vezes aquém do necessário, o que traz perdas significativas no processo de inclusão, principalmente no processo de inclusão

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jerssicas.mernick@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, caraujo.bruna@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestra pelo Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, kalina.ufpb.tae@gmail.com.



das crianças com Transtorno do Espectro Autista (doravante TEA), com destaque na educação infantil, que além de ser a primeira etapa da educação básica, é também a fase em que “as crianças se apropriam das principais ações realizadas pelos adultos na sociedade” (PICCOLO, 2011, p. 208), daí a importância de iniciar ainda nesta fase a formação de uma sociedade mais inclusiva.

O TEA pode ser entendido como um distúrbio do desenvolvimento, que envolve as seguintes áreas: interação social, comunicação e comportamento em graus variáveis de severidade. Compreender que o aluno com TEA se socializa e se comunica de forma diferente é primordial para possibilitar a elaboração de estratégias para a inclusão desses alunos.

Diante desse panorama, o problema que desencadeia esta pesquisa é identificar: como os cuidadores escolares atuam para que ocorra a equidade de direitos e a inclusão das crianças com TEA nas atividades escolares?

Para tanto, este artigo tem como objetivo geral identificar os desafios encontrados pelos cuidadores escolares de estudantes com TEA em sua trajetória como profissional de apoio. E como objetivos específicos, elencou-se: refletir acerca dos desafios encontrados pelos cuidadores escolares e verificar as barreiras que impedem o processo de inclusão escolar de alunos com TEA.

Para melhor compreender o papel dos cuidadores das crianças com TEA, este artigo estará dividido em: percurso metodológico adotado nesta pesquisa, referencial teórico, os resultados alcançados e a discussão dos dados e, por fim, as considerações finais.

Na fundamentação teórica serão abordadas as barreiras que impedem o processo de inclusão de estudantes com TEA nas escolas regulares, considerando as barreiras arquitetônicas, atitudinais, de informações, de comunicações, de investimentos e de gestão; o papel dos cuidadores de estudantes com TEA diante do atual contexto educacional e de como podem atuar de forma efetiva na promoção de equidade de direitos; os cuidadores escolares e sua colaboração na inclusão de estudantes com TEA diante das atividades propostas no ambiente escolar, considerando a lei 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência).

A pesquisa em voga se justifica academicamente por ser necessária tal investigação no intuito de trazer a realidade escolar para o contexto acadêmico, permitindo que diferentes situações possam ser pensadas, uma vez que o TEA ainda é pouco discutido nos cursos de licenciatura; justifica-se socialmente pois é de suma importância destacar os profissionais de apoio escolar e discutir acerca de suas ações. Somando-se às justificativas acadêmica e social, é de interesse das pesquisadoras investigarem tal problemática, por participarem



(extensionistas e coordenadora) do Projeto de Extensão Capacitando Cuidadores para Escolas Inclusivas, da Universidade Federal da Paraíba, do Centro de Educação, em 2020, e este artigo é fruto das pesquisas e discussões dessa equipe extensionista.

## 2 METODOLOGIA

O referido estudo se caracteriza por ser uma pesquisa qualitativa, que é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo” (OLIVEIRA, 2012, p.37).

Houve a participação de 32 (trinta e dois) cuidadores escolares, que atuam em escolas regulares de ensino. A coleta dos dados foi possível com a utilização do *google docs*, onde o link do formulário eletrônico foi compartilhado na *bio* da página do *instagram* do Projeto de Extensão Capacitando Cuidadores para Escolas Inclusivas e assim os participantes puderam responder individualmente, sendo assegurado o seu anonimato e o direito de participação voluntária; seguindo as exigências para uma pesquisa, incluindo a confidencialidade e o consentimento dos participantes.

Cada cuidador escolar respondeu às perguntas de forma livre e não monitorada, possibilitando assim a compreensão de como se dá a percepção dos mesmo sobre a inclusão dos estudantes com TEA no cotidiano escolar e os dados foram analisados levando em consideração a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2016).

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A educação inclusiva ainda é algo novo, necessita reflexão por parte das pessoas que idealizam alunos quietos, sempre disciplinados, que aprendem com facilidade e no mesmo ritmo. Mas esse contexto não é real, é utopia de quem não compreende a heterogeneidade das salas de aula. No Brasil, a discussão sobre promover espaços mais inclusivo não ultrapassa mais de algumas décadas, e o processo de inclusão das crianças com deficiência no ambiente regular de ensino ainda é uma barreira enfrentada cotidianamente nas escolas brasileiras.

No que diz respeito às pessoas com TEA, a história de exclusão e isolamento social ainda é bastante comum e seus direitos são por vezes negados. No ensino regular, esse cenário se repete, pois compreende-se que “a escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social” (BRASIL,



2008). Ainda nos dias atuais, a sociedade continua excluindo as pessoas ditas ‘diferentes’, deixando-os à margem, a exemplo disso, podemos observar que um padrão bastante comum nas escolas é a dificuldade em manter o aluno com TEA em sala de aula, eles muitas vezes estão matriculados, mas passam grande parte do tempo nos corredores, em bibliotecas e em parques, recriando assim o padrão de isolamento daqueles que não conseguem adaptar-se ao já estabelecido como padrão.

É importante compreender que as histórias são registros e narrações de pessoas sobre o passado, e só a partir desses registros que passamos a ter conhecimento sobre os sujeitos e os fatos importantes que nos antecederam. As pessoas com TEA e os cuidadores escolares tiveram o seu lugar de fala inviabilizado por décadas, e atualmente ainda fala-se muito pouco sobre às suas vivências, lutas e conquistas. Apesar disso, é necessário reconhecer que ao longo da história a educação especial avançou, e com isso hoje tornou-se possível discutir sobre melhores condições para as pessoas com deficiência.

Para analisar a história das pessoas com deficiência e da educação especial, deve-se conhecer os quatro momentos marcantes de sua trajetória: o primeiro ficou conhecido, de acordo com Lima (2018), como exclusão, onde o sujeito com deficiência era visto como alguém sem valor socialmente; o segundo momento foi a segregação, onde as pessoas eram colocadas em instituições oficiais, sendo desenvolvida uma forma organizada de lidar com a deficiência; a integração foi o terceiro momento, quando os alunos com deficiência foram matriculados na sala comum, e não foram disponibilizadas oportunidades de desenvolvimento educacional, compreendendo que o sujeito deveria se adaptar aos padrões estabelecidos pela escola; o quarto momento é a inclusão, na qual a deficiência não é descrita como impedimento para o aprendizado, seja no ambiente escolar ou na sociedade, passando a ser pauta para discussão entre estudiosos sobre um ideal a ser alcançado.

É necessário compreender que a presença de profissionais de apoio escolar tem se mostrado como a chave para que a inclusão aconteça de fato. No entanto, esses profissionais muitas vezes, por falta de informação e formação, não sabem como cobrar valorização por parte da escola, da família e do governo. Por outro lado, os investimentos financeiros são extremamente escassos, fazendo com que um ciclo de desvalorização e despreparo se mantenha, e quem mais perde com isso são as pessoas com deficiência, que acabam por ter um atendimento insatisfatório.

Em 2015 foi criada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), que traz seu art. 3, inc. XIII, a definição do profissional de apoio escolar, que é exercer atividades de alimentação, higiene e locomoção, auxiliando o estudante com deficiência, além de



colaborar nas demais atividades escolares em que a sua presença for necessária. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), em seu art. 58, também retrata a importância desse profissional, que prestará seus serviços, quando necessário, atendendo as individualidades de cada estudante público alvo da educação especial.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/15) é considerada uma conquista significativa, que rege os direitos da pessoa com deficiência. Em seu art. 4 é estabelecido que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação”. Quando se fala em direitos iguais, refere-se a oportunidades de acesso a um ensino que possa desenvolver todas as suas habilidades, pois nenhuma pessoa, por quaisquer que seja sua limitação, deve ser limitada a apenas frequentar a escola, sem que se pense em estratégias para possibilitar seu desenvolvimento cognitivo.

Ainda consoante a Lei nº 13.146/15, no art. 27, parágrafo único, é reafirmado o dever do estado, da família e da comunidade escolar em disponibilizar uma educação de qualidade. No art. 28, inc. XVII, mostra que a pessoa com deficiência tem direito a um profissional de apoio, capacitado para atendê-la; e para que a escola possa receber esses alunos, há a necessidade de mudanças no seu planejamento e em suas estruturas físicas, facilitando a permanência do aluno no ensino regular e o seu desenvolvimento.

O art. 28, da referida Lei, afirma que o:

III - Projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia.

Sendo assim, é notória a importância de um modelo de ensino que atenda todos os sujeitos, respeitando o tempo de aprendizado e ritmo de cada educando, estimulando seu desenvolvimento, proporcionando assim equidade de oportunidades. E para que seja concretizado, é essencial o trabalho em conjunto com toda a equipe: professor da sala regular, gestão escolar, equipe técnica, profissional do Atendimento Educacional Especializado – AEE e o cuidador escolar.

As Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2008, p. 01), traz como função do AEE “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”.



O objetivo da educação inclusiva é atender todos os alunos, dentre eles estão os estudantes com TEA. A Lei nº 12.764/12, conhecida como Lei Berenice Piana, traz uma política nacional voltada para a proteção da pessoa com TEA. Em seu art. 1, parágrafo 1º, incisos I e II, traz as características do autismo, tais como a dificuldade de comunicação, de comportamento, de socialização, de interação; além de excessiva rotina, padrões rígidos, interesse restrito, dentre outros.

A inclusão das crianças com TEA é um verdadeiro desafio, primeiro pela dificuldade de comunicação, fazendo-se necessário que tanto o professor quanto o cuidador escolar, assim como toda a comunidade, busquem conhecer e ofertar a esses alunos formas alternativas e/ou aumentativas de comunicação, como por exemplo o PECS (Picture Exchange Communication System), que é um sistema baseado na troca de figuras, para facilitar a interação social.

Contudo, pode-se dizer que as barreiras que impedem a permanência da pessoa com deficiência estão voltadas, principalmente, para a falta da capacitação dos profissionais que lidam com esses alunos:

A problemática em torno de uma educação de qualidade voltada para as pessoas com deficiência nos sistemas inclusos é observada nas diversas esferas, como na materialização da proposta pedagógica adequada, na existência de materiais adequados, formação docente, na infraestrutura adequada e no respeito às diferenças individuais, são exemplos de desafios presentes na dinâmica do cotidiano escolar. (LIMA, 2018, p.163)

Embora a exclusão dos alunos com TEA ainda ocorra, pelos fatores já citados anteriormente, é possível, ao vermos os avanços alcançados até aqui, que as lutas são significativas e trazem resultados. Para isso, faz-se necessário o reconhecimento da importância do cuidador escolar no processo de formação dos alunos com deficiência.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, o primeiro Quadro-Síntese (Quadro 1), onde foram destacadas as maiores dificuldades apresentadas pelos profissionais de apoio, voltadas aos alunos com TEA, sendo os dados coletados a partir do questionário realizado através do *google docs*.

**Quadro 1 – Desafios na inclusão de alunos com TEA**

<b>Eixo Condutor 1: Maior desafio identificado pelo cuidador escolar na inclusão dos alunos com TEA</b>		
Categoria	Participante	Verbalização
Sem dificuldade	P1 e P6	“Até agora não tive nenhuma dificuldade”; “Já tive experiência com os três graus do autismo e graça a Deus me sair muito bem”.

Falta de recursos	P2 e P3	“Falta de materiais que nos ajude a trabalhar com suas dificuldades”; “Recursos”.
Formação	P4, P7, P16 e P18	“Saber e conhecer quais as dificuldades da criança e poder contribuir para o melhor”; “A comunidade escolar, infelizmente a escola não tá preparada para atender a demanda”; “Mais profissionais capacitados e mais curso de capacitação”; “Acho que o maior problema é a falta de conhecimento da comunidade sobre o assunto e aceitar esses alunos e não propriamente o aluno”.
Apoio da família	P31	“que os pais possa também estar um pouco presente para nos falar um pouco da dificuldade da criança no dia a dia em casa”.
Apoio da escola	P25	“Não ter incentivo da escola”.
Socialização	P5, P8, P9, P10, P11, P12, P13, P19, P,23, P26, P28, P29 e P30.	“A comunicação”; “A compreensão das pessoas sobre a dificuldade de interação social que alguns alunos com TEA possui”; “A socialização com a comunidade escolar”; “A minha maior dificuldade com o aluno autista é a interação social com o público no ambiente escolar”; “O primeiro desafio é encontrar uma escola que se adeque a esse aluno, a comunicação não compreender a fala, os gestos, conseguir tirar esse aluno do isolamento”; “A dificuldade de interação”; “A falta de comunicação que a deficiência traz consigo”; “Comunicação verbal e comportamento social”; “Maior desafio: estabelecer a confiança do aluno, estimular a socialização, adaptar o espaço de aulas e as práticas pedagógicas”; “COMUNICAÇÃO”; “Está disposto a se relacionar é se adaptar”; “O maior desafio foi a aceitação, dos outros colegas os próprios alunos”; “É complicado porque os coleguinhas não aceitam a deficiência”.
Participação nas aulas	P14, P15, P22 e P24	“A participação do aluno nas atividades coletivas, assim como as atividades lúdicas”; “Inclusão nas atividades escolares”; “Concentração nas aulas”; “Prestar bem atenção nas atividades do aluno, e sempre incluindo ele em todas as atividades”.
Outros	P17, P20, P21, P27 e P32	“Paciência”; “Obediência”; “É fazer com que essas crianças entenda a maioria das coisas que nós estamos falando com que ela sim se tão bem acolhidas e à vontade no ambiente que ela está com o cuidador e sempre tenha confiança delas que elas possam se interagir com cuidador”;



		“A paciência com o aluno”; “É ampla a pergunta, criar vínculo com o aluno”.
--	--	--

Fonte: Dados obtidos por meio de aplicação de questionário através do *google docs*, 2020.

Para melhor compreensão, agrupamos as respostas dos participantes em oito grupos. O primeiro grupo, os que não encontram desafios para a inclusão desses alunos; o segundo grupo, aqueles que associam a falta de recursos como um dos maiores desafios para a inclusão; para o terceiro grupo, o maior desafio está associado à falta de formação; já o quarto grupo sinaliza a falta do apoio da família como o maior desafio; o quinto grupo traz a falta de apoio da escola; para o sexto grupo, por sua vez, destaca-se a dificuldade em socialização e/ou comunicação como o maior desafio; o sétimo grupo traz o desafio de promover a participação dos alunos nas aulas; e para o último grupo, os motivos são outros. Através dos dados obtidos, pode-se identificar quais são os maiores problemas encontrados pelos cuidadores de crianças com TEA.

O primeiro grupo, o qual não identifica desafios em sua carreira como cuidador escolar, pode-se dizer que tais cuidadores se enquadram no estágio de encantamento e descoberta com a profissão, uma vez que, não colocam em questão o seu papel e a sua atuação, pois de acordo com Huberman (1989), durante o ciclo de vida profissional, há o estágio da diversificação e é nesse momento que geralmente os profissionais põem-se em questão. No entanto, também é possível pensar que este encantamento se dá por sentirem-se úteis no processo de formação dos alunos em que acompanham, a “exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade” (HUBERMAN, 1989, p. 39).

O segundo grupo atribui a falta de recursos como o principal desafio para a inclusão das crianças com o TEA. Esses recursos precisam ser assegurados para a concretização do atendimento inclusivo para o público da educação especial, e como meio de alcançar esse objetivo, colocou-se uma estratégia no Plano Nacional de Educação (2014-2024), na Meta 4, que diz respeito ao financiamento para a universalização do acesso à educação das crianças com deficiência entre 4 e 17 anos. Daí a importância de não apenas renovar, mas também tornar permanente os recursos como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação; uma vez que, o repasse desses recursos é uma das formas de promover não apenas a entrada desses alunos, como também a sua permanência.

A falta de formação, apontada pelo terceiro grupo, sendo ele o maior desafio encontrado para a inclusão dos alunos com TEA, remete-nos a observar que não há políticas



direcionadas à formação desses profissionais. De acordo com Lima (2018), isso torna o trabalho do cuidador ainda mais obscuro, principalmente ao “introduzirem esses trabalhadores no campo educacional sem terem o domínio teórico e metodológico acerca do campo da educação especial” (LIMA, 2018, p.167).

O quarto e o quinto grupos encontram como desafio a falta de apoio, um se refere à falta de apoio da escola, e o outro traz a falta de apoio da família, o que demonstra uma fragilidade no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas em que atuam, assim como, a falta de uma gestão participativa, uma vez que esse documento é o responsável pelas:

Atividades escolares, definindo sua identidade e metas para melhoria das práticas pedagógicas, congregando as propostas educacionais no âmbito da escola, delineando as grandes linhas de atuação da instituição, com base nos objetivos definidos de forma conjunta para o fortalecimento do processo educacional (SOUTO, 2010, p. 767)

Sendo assim, nele deveriam conter metas e estratégias para a inclusão dos alunos com TEA, meios para aproximar a relação escola e família, promovendo diferentes formas de apoio ao cuidador escolar.

Para o sexto grupo, a maior adversidade está na socialização dos alunos, e ao considerar a fala dos participantes, pode-se observar que essa dificuldade acontece entre os próprios cuidadores e os alunos que eles acompanham, os alunos com TEA e seus pares, e os alunos com TEA e o restante da comunidade escolar. Pode-se observar que essa dificuldade demonstra falta de formação desses cuidadores, uma vez que ao se deparar com crianças englobadas no transtorno é preciso compreender que:

Algumas crianças, apesar de autistas, apresentam inteligência e fala intactas, outras apresentam também deficiência intelectual, mutismo ou importantes atrasos no desenvolvimento da linguagem. Alguns parecem fechados e distantes, outros presos a comportamentos restritos e, rígidos padrões de comportamento. (SILVA; SILVA, 2017, p. 6)

Portanto, para cada criança, faz-se necessário, em conjunto com a comunidade escolar, promover estratégias para que possam gradativamente envolver-se com os projetos e atividades escolares, possibilitando assim o estreitamento dos laços com os demais. A formação desses cuidadores deve considerar diferentes realidades, a fim de prepará-los para o convívio com os alunos com TEA. É importante destacar que por conta da abrangência de situações que pode acontecer, o professor também deve estar em constante formação, uma vez que deve auxiliar e orientar o cuidador escolar, pois essa dificuldade se dá por “não terem recebido, em seus cursos de formação e capacitação, suficiente instrumentalização que lhes



possibilite estruturar a sua própria prática pedagógica para atender às distintas formas de aprendizagem de seu alunado” (GLAT; NOGUEIRA, 2003, p. 137).

Para o sétimo grupo, o maior obstáculo é promover a participação dos alunos nas aulas. Isso acontece, devido a uma falha na comunicação entre o professor da sala de aula, o professor do AEE e o cuidador escolar; uma vez que o professor da sala de aula e o professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE) devem realizar as adaptações necessárias das atividades propostas aos alunos com deficiência, cabendo ao cuidador escolar auxiliar o aluno no for necessário para execução dessas atividades.

Para o último grupo, diferentes fatores dificultam a inclusão desses alunos, por isso é importante que faça parte do cotidiano escolar a reflexão acerca do Projeto Político Pedagógico (PPP), pois através dele será possível identificar as dificuldades e considerar os recursos financeiros e humanos para a inclusão dos alunos com TEA.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desta pesquisa, foi possível constatar quais as principais dificuldades dos profissionais de apoio escolar que acompanham alunos com TEA; sendo a falta de investimentos, financeiro e humano, elencado como a principal dificuldade.

Diante da importância dos cuidadores escolares para os alunos com deficiência, ressalta-se a necessidade de capacitação e conhecimento sobre as especificidades do público alvo da educação especial, para que esses profissionais venham atuar de maneira assertiva no desenvolvimento dos alunos. É de extrema importância que todos os órgãos responsáveis pela educação e desenvolvimento humano reconheçam o profissional de apoio como essencial para o alunado, valorizando a sua atuação e contemplando um olhar cuidadoso a essa classe trabalhadora, ainda invisível.

Também fica evidente a necessidade de um planejamento educacional, mais inclusivo e participativo; urgem políticas em que o investimento na educação especial tenha destaque, além de incentivos, não apenas na formação dos profissionais de apoio, como também na organização desses profissionais como categoria de trabalho.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado através dos dados coletados a partir do questionário proposto, onde foi possível compreender quais as maiores dificuldades dos cuidadores na inserção dos alunos com TEA na rede regular de ensino. Destacou-se que, mesmo diante das tantas dificuldades, o cuidador escolar é essencial no processo de inclusão.



Não cabe ao cuidador escolar o dever de elaborar e/ou adaptar atividades, mas auxiliar o aluno com deficiência em seu desenvolvimento e colaborar com o seu bem estar. Para isso, a sua formação deve ser continuada, e assim a educação inclusiva não seja apenas um sonho, um projeto, uma lei, um tema para discussões acadêmicas, mas para que ela possa ser uma realidade no sistema de ensino regular das escolas brasileiras.

Contudo, para estudos futuros, faz-se necessário compreender o período em que esses profissionais de apoio atuam com estudantes com TEA, uma vez que a experiência influencia diretamente no seu fazer profissional. É indiscutível que, quanto mais experiência o cuidador escolar tenha, menos dificuldades serão apresentadas no processo de inclusão.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais e Enquadramento da Ação**. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. **Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 01 set. 2020.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 29 jul. 2020.

BRASIL. MEC/SEECP. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192)>. Acesso em: 21 set. 2020.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil**. Comunicações, v. 10, n. 1, p. 134- 142, 2003.



HUBERMAN, Michaël. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, António (Org.). *Vida de professores.* 2 ed. Porto: Porto, 2000. p. 31-46.

LIMA, Leidy Jane Claudino de. **Cuidadores escolares e inclusão educacional:** uma análise das políticas públicas que regulam o trabalho do cuidador na escola. Dissertação de mestrado. João Pessoa: UFPB, 2018. 219f.

SILVA, Cátia Regina Suzano da; SILVA, Jorge César da. Música e autismo—um encontro perfeito: musicalização e expressão corporal em uma escola de educação especial. **Arte revista**, n. 8, 2017.

SOUTO, Maria da Conceição Dias et al. Integrando a Educação Física ao Projeto Político Pedagógico: perspectiva para uma educação inclusiva. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, n. 3, p. 762-775, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2012.

PICCOLO, Gustavo Martins. **Educação infantil:** análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos. Campinas: Educ. Soc., 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a13v32n114.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2020.